

Olhares para a poesia de Roselis Ralle

Perspectives on the poetry of Roselis Ralle

Perspectivas sobre la poesía de Roselis Ralle

DOI: 10.54901/educa.v9-452

Prof. Dr. João Adalberto Campato Jr¹

RESUMO: O presente texto examina considerável parcela dos poemas de Roselis Maria Batista Ralle, de nome artístico Roselis Batistar, de naturalidade franco-brasileira. Roselis exerceu carreira acadêmica de professora universitária e etnolinguista, lecionando no México, na França e no Brasil. Paralelamente, deu curso a sua veia literária, produzindo poesia lírica de boa repercussão nacional e internacional, mas que merece ser mais bem reconhecida pelos críticos. Uma de suas particularidades de maior relevo consiste em redigir livros nos quais agrupa poemas em português, em inglês, em espanhol e em francês. Com vistas a oferecer um panorama geral da poética de Roselis Batistar, este autor – que é prefaciador de alguns livros da poeta –, por meio de uma revisão bibliográfica, reuniu aqui seus principais paratextos, organizando-os de tal modo a oferecer um olhar especializado sobre a poesia de Roselis, que se caracteriza, entre outros elementos, pela presença da figura paterna, por um lirismo meditativo, por um mundo às avessas, pela postura de crítica social irônica e por um léxico expressivo e inventivo.

Palavras-chave: Roselis Batistar; poesia contemporânea; literatura brasileira.

1 INTRODUÇÃO

A retórica antiga pressupõe três gêneros oratórios: o judiciário, o deliberativo e o epidítico. O papel do auditório, o tempo acerca do qual ele se pronuncia e a finalidade dos discursos estão na origem dessa codificação tripla. O gênero judiciário defende ou acusa, com base no justo e no injusto. O deliberativo aconselha ou desaconselha alicerçado no útil e no nocivo. O epidítico louva ou censura, amparado no belo e no feio. Pouco dúvida deve restar, portanto, de que, se adotarmos a terminologia da retórica clássica, este artigo deverá ser qualificado como pertencente ao gênero epidítico.

Epidítico porque um de seus objetivos fundamentais consiste em proporcionar aos leitores interessados uma visão aproximada da poética de Roselis Maria Batista Ralle - ou apenas Roselis Batistar, seu nome artístico -, demonstrando o quanto seu projeto estético – que se mistura frequentemente com seu projeto de vida – revela-se complexo, rico, variado e belo. Trata-se de uma poética que, embora se caracterize pela contemporaneidade multifacetada,

¹Doutor em Letras, Universidade Brasil, Fernandópolis, São Paulo, Brasil. E-mail: campatojr@gmail.com

dialoga com autoridade, arejamento e profusão com a tradição estética, produzindo interessantes efeitos de sentido.

São justamente desses efeitos de sentido que procuramos tratar por meio dos prefácios aqui reunidos. São textos que, em diferentes ocasiões, fomos convidados a redigir para servir de paratextos aos livros de poemas de Roselis Batista. É nossa intenção, com efeito, que este agrupamento sistemático de prefácios possa expandir o conhecimento de sua arte poética, que, já faz algum tempo, merece receber mais atenção e cuidado da comunidade de leitores contemporâneos das literaturas de língua portuguesa.

Roselis Maria Batista Ralle é uma professora universitária, linguista, tradutora e escritora franco-brasileira, nascida, em 1948, em Santos, no litoral paulista. Filha do jornalista Oduvaldo Batista e de Otomires Luna Batista, graduou-se em Filologia Russa pela Faculdade de História e Filologia da Universidade Patrice Lumumba, situada em Moscou, então capital da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1973. Obteve o mestrado em 1974 na França. Alcançou, em seguida, dois doutorados, igualmente, na França. Lecionou em universidades mexicanas, francesas e brasileiras. Atualmente, já residindo definitivamente no Brasil, aposentou-se do ensino superior, dedicando seus dias ao exercício literário, em especial, o poético.

Roselis é o que se denomina de uma poeta bissexta, nunca ficando sem produzir poemas por largo período de tempo. Embora, em essência, revele-se uma escritora da língua portuguesa, destaque-se que escreve obras nas quais comparecem poemas em inglês e, sobretudo, em espanhol. Por tal motivo, suas composições são apresentadas, quase sempre, por prefaciadores de duas nacionalidades. Dentre seus livros, merecem destaque, *Rubra/Carmesí* (2013), *Convite ao Devaneio/Invitación al Ensueño* (2019), *Cratera antes da Queda/Cráter antes de la Caída* (2021). O autor do presente artigo foi prefaciador desses três livros². Seguem adiante, na íntegra, sem acréscimos ou exclusões, os prefácios dos mencionados livros por meio de cujo conhecimento esperamos fornecer aqui um painel da poesia de Roselis Batista Ralle, autora que precisa ser mais conhecida em seu país de origem.

²Além desses, também fomos o prefaciador de *Cristais de Orvalho/Cristales de Rocio* (2010) e de *Mis estaciones/Minhas estações* (2017). Também é de nossa autoria o texto das orelhas de *Lirismo sem Pétalos/Lirismo sin Pétalos* (2021)

2 OS PREFÁCIOS

2.1 Prefácio de *Rubra/Carmesi* (2013)

Tanto quanto possível, temos acompanhado de muito perto a produção poética de Roselis Batistar, labor artístico que, conforme se vê, confunde-se, em determinados pontos, com sua atividade acadêmica de linguista e de especialista em literatura e cultura de massa, funções exercidas na universidade francesa. A fim de estacionar em poucos tópicos desse contato, colocamos em relevo que ambas atividades são direcionadas a uma militância social e política, que não se pode perder de vista, ora mais explícita, ora apenas em surdina.

Com efeito, não constitui fruto do acaso que seus últimos ou quase últimos trabalhos para a academia tenham sido justamente os ensaios a respeito do empenhado José Saramago e sobre o escritor timorense Luís Cardoso, um guerreiro pelo respeito da identidade ou das identidades do Timor-Leste. No campo poético, por sua vez, a escritora sempre esteve a repensar, com alcance universal, a figura do pai, jornalista militante, comunista, e, pairando acima de qualquer coisa, um humanista. Assim: militância há por todos os lados.

A relação de Roselis com a poesia – pois é da poesia que ora em diante nos limitaremos a tratar - é de tal maneira visceral que sua produção na área é constante e de qualidade apreciável, não se verificando, propriamente, altos e baixos no currículo artístico da escritora. Vem à tona, agora, *Rubra/Carmesi*, que, à semelhança de outros de seus livros, é bilíngue, com poemas em português e em espanhol.

Para efeito da leitura de *Rubra/Carmesi*, apresentaremos doravante as linhas de força temática, ideológica e estilística das composições em português do livro.

Nessa ordem de considerações, a primeira impressão advinda da leitura de *Rubra/Carmesi* consiste no fato de que os poemas de Roselis Batistar, embora se conservem, em essência, “figurativos”, estão em processo de rarefação do referente.

Não que se avizinhem de composições inteiramente abstratas, nas quais o referente não é reconhecido numa primeira abordagem, mas, sobretudo, porque o referente é, se a expressão não se faz, de todo, inválida, problematizado.

Problematizar o referente equivale a estabelecer “dialética” extremamente tensa entre denotação e conotação, da qual, por vezes, a síntese esperada não surge, ou, se surge, pouco perceptível é para o leitor. Para além disso, o referente é problematizado quando a autora o submete a processo de metamorfose ou, ainda, a processo de alegorização, em que as metáforas criam um efeito cascata ou em que os contornos do referente já não são nítidos, estendendo-se

tal nebulosidade semântica para o âmbito global da composição. Entra, de maneira exemplar, nesse caso, o poema “A ama de chaves”.

Já em o “Bouquet”, o objetivo é antes “pintar” não referentes totalmente reconhecíveis e delineáveis, mas, de preferência, sugerir, evocar sensações ou impressões ou coisas vagas e cada vez mais fluidas. Seja como for, no quesito problematização do referente, pouco pode ser mais ilustrativo do que “Oblíquos”, cuja transcrição segue na íntegra:

Oblíquos

Apertados como um grão oblongo
De integral produto
Como o fruto desconhecido de uma noz.
Oblíquos qual seta afoita
que em um alvo se concentra
Por um minuto e setenta
batidas de coração adoidado.
Olhar que prende o objeto de seu pesar
Que quer alvissaras gritar
Pós um derrame de estrelas:
certeiras
fagueiras
Cheias do viço do sucesso
Que é sentir uma resposta!
Oblíquos...
Diretos...

De mais a mais, é bem provável que o mencionado afastamento de uma poesia totalmente referencial esteja na origem da intensificação de um traço da poesia de Roselis Batistar, que, bastante presente em *Rubra*, tem gênese, ao que se mostra, em *Cristais de Orvalho/ Cristales de Rocío*. Estamos nos reportando a traços surrealistas. Em *Rubra/Carmesi*, encontramos-os em: “Metamorfose”, para mencionarmos apenas um de outros possíveis.

Destaque tem de merecer o refinamento de um processo estilístico, que vem dos primeiros livros de Roselis Batistar, qual seja, a singularização, por meio de processo imagético, na terminologia da teoria da comunicação, que suscita entropia. Semelhante estratégia verbal pode ser observada em cores fortes num poema como “Olhares criminalmente benignos”, em cuja primeira estrofe, lê-se que:

Os olhares são botos
Que numa onda ribeirinha
Te consomem.

O mesmo pode ser afirmado de “Esperei no semáforo da floresta”, em que o primeiro verso é uma apreciável metáfora *in absentia*, potencializada em termos expressivos por sinestesia: “Esperarei o sinal verde das cigarras”.

Não se furte de mencionar a faceta “virtuose” de Roselis Batistar. Diga-se desde, logo: não se trata de afetação, mas, de preferência, de um estratagema que tem a ver com as potencialidades expressivas do poema, bem como com o efeito de sentido que se intenta alcançar com a composição. Assim, torna-se possível flagrar tal virtuosismo verbal no esquema rimático adiante reproduzido (“Olhares criminalmente benignos”), em que avultam rimas raras:

No breu da noite mais ônix
No meio das cinzas de fênix

Este apresenta indícios de ser o livro mais polifônico de Roselis Batistar, cujos livros, a bem do rigor, já são medularmente polifônicos, quando mais não fosse pelo recurso à dicção em vários idiomas, e pelo tom militante, lírico e, às vezes, satírico dos poemas.

Percebemos tal estrutura polifônica em *Rubra/Carmesi*, especialmente, nos poemas que, se fossem dispostos na forma de apresentação da prosa, seriam textos compostos de uma enfiada de períodos curtos coordenados. Trata-se do caso de “Idas ao Campo”. Há, pois, uma relação entre os versos (os eventuais períodos curtos) e a variedade de vozes que tomam a palavra na composição. Ora semelha ser um poeta árcade o responsável pela enunciação poética, ora um filósofo cético, para ficarmos em dois exemplos abonadores do que vimos tentando demonstrar.

O leitmotiv da poética de Roselis constitui o pai e, mais do que qualquer aspecto, o que este simboliza tanto para a autora/eu lírico, quanto para os outros, numa dimensão universal, sem deixar de ser particular.

A centralidade da alegórica figura, em parte, deixa-se sentir por ele ocupar, por exemplo, “Rubra”, composição-título do livro e que aponta para o ideal de ser humano debuxado pelo eu lírico, imagem, que, na esteira, sinaliza, também, para uma concepção de poesia. Assim metalinguístico, o poema torna-se manifesto por meio do qual o sujeito da enunciação lírica declara preferência por arte empenhada, compromissada social e politicamente, visceral, cuja marca não é outro senão a cor vermelha.

Chegados a este ponto, é bom perguntar: seria contraditória, pois, a coexistência de dois elementos destacados em *Rubra*, a saber: o princípio de um caminho que levaria, se fosse conduzido às últimas consequências, à rarefação do referente (eclipsado, então, pela expressão verbal artística) e a poesia de concepção militante?

Pensamos que não. Não, porque se pode realizar, a despeito de algumas opiniões contrárias, literatura militante de agudo trabalho estético. A função referencial e a função conativa não excluem a função poética, em outros termos. “Rubra” oferece prova disso na derradeira estrofe, em que se identifica algo de uma série de recursos linguísticos: a metáfora, a comparação, a alegoria, a ironia (“paraliteratura”), a assonância do fonema vocálico /u/.

Corada pitanga madura
Pronta estou eu para a luta
Como tua primeira guerreira
Capitã incólume e certa
De tua paraliteratura

A mesma recriação artística de postura militante é identificada em “Espanto”, no qual, em meio às referências aos nazistas e à visão não muito eufórica da Europa, encontramos apreciáveis aliterações, repetições e jogos engenhosos de palavras (“veio”, “volta” e “vou”).

Espanto
Veio o vento da vontade dos vorazes
Nas europas estarecidas de espanto!
Já não há cantos de vitória sobre os nazis.
Volta o medo
Volta o espanto
Nas ventanias mais fortes
Dos capitalistas capatazes!
Vou-me embora.

Enfim, esperamos haver assinalado determinadas linhas de força de *Rubra/Carmesi*, que se mostram, a nosso juízo, fundamentais. O livro, bem entendido, é mais rico e complexo do que se deixou sugerido ao longo do prefácio.

Apenas com vistas a antever o que o leitor encontrará no volume além do que ficou aqui registrado, mencionamos a existência de belíssimas e elegantes composições líricas, nas quais há imagética ora delicada, ora estranha, inexistindo, nos dois casos, o sentimentalismo sem peias (ver, a título de exemplo, “Mãos, Sonata e Fuga”; “A Semente Encantada” e a pujante e original imagética de “Esperarei no semáforo da floresta”).

Por vezes, o lirismo torna-se grave para tratar de certos motivos, como os familiares (“Aos meus venerados extremos”, “Ama de chaves”). Há, ainda, composições em que o eu lírico reveste-se de acentuado vigor verbal, valendo-se de dicção nervosa, abundante e, no mais das vezes, irônica, como em “Obsessão”, em “Assédio” e, sob determinado prisma, em “Mosqueteiro entre hortaliças”, cuja leitura, aliás, parece-nos fundamental para aquilatar o quanto Roselis Batistar é escritora cheia de engenho e arte.

Aliás, exatamente por conferir importância, a um só tempo, às técnicas poéticas, ao polimento verbal, e à consciência madura de ter de recortar a realidade de maneira original, auferindo de tal conúbio resultados exemplares, que julgamos Roselis Batistar poeta das mais representativas na cena da poesia contemporânea da língua portuguesa.

2.2 Prefácio de *Convite ao Devaneio* (2019)

Poemas que vibram na surdina; composições coalhadas de pressupostos e de subentendidos; discursos da alegoria e das reticências; textos da cisma e das tensões existenciais. Eis, em ingênua pretensão à síntese, o que fascina a atenção neste novo livro de Roselis Batistar, poeta franco-brasileira que, com constância e qualidade dignas de nota, vem plasmando um projeto que é, ao mesmo tempo, estético e existencial.

Do exame sistemático de considerável parcela das composições, assoma sentimento de ausência, de incompletude e de saudade, em que a presença do outro e dos eventos exteriores ocorre por meio do pensamento, do sonho, da imaginação, do desencontro do eu poético, como se verifica em “Rubro Latente”. A despeito de tais sinalizações e até paradoxalmente, a realidade prossegue presente e “palpável” em meio ao sugestivo e ao evasivo.

Quase invariavelmente, essa maneira peculiar de vivenciar o mundo gera tensão no eu poético, como, por exemplo, em “Convite ao Nirvana”. É nessa mesma linha semântica, que procuramos entender a belíssima composição “Touro Eterno”, calcada na antiga dialética “fugacidade versus eternidade”, dualismo que costura no texto, a cada novo verso, fundo sentimento dramático da ausência afetiva, mas que, paradoxalmente de novo, é, igualmente, modalidade de presença. No limite, “Touro Eterno” consiste no elogio da arte como possibilidade – talvez a única eficiente e nobre – de permanência.

Nesse quadro, dimana natural a presença de “Pesponto”, poema iniciado, por assim dizer, *in medias res*, quase *ex-abrupto*, anunciando já em cada fonema a separação, o destino final de quase tudo, não fosse a atuação salvadora da memória. Em “Nothing can to nothing fall”, a medida do eu lírico apartado de si próprio é indicada pelas referências aos não ditos, às lembranças e aos segredos.

Já “Corola da Vida” apresenta-se como o poema do abatimento da vontade, embora persista determinada mensagem apontando para a esperança. Isso porque qualquer pessimismo desperto, em movimento de opostos, seu contrário.

Interessante notar como a autora transmite a ideia de um desfalecimento de esperança, que é tanto do nível pessoal quanto do domínio coletivo. Se há o abatimento provocado pela

solidão, por numerosas vezes, ele é amenizado pela voz de um pai, um dos poucos “ases” de que nós podemos nos valer nesta empresa, conforme nos faculta o texto de “Só como veio ao mundo”.

Evoluindo a partir dessa dicção inaugural e com ela estabelecendo visível articulação, faz-se possível reparar em outras linhas de força temática e estilística da poesia de Roselis Batistar. Uma das que primeiro surgem é exatamente aquela que me parece poder ser caracterizada como poemas de andamento nervoso.

Poemas finamente nervosos, com linguagem cortante, moldando o inesperado, dos quais um dos exemplos mais bem-acabados é “Passado Presto: Violento”, com sua contagiante inflexão naturalista. Aparentada dicção apreensiva e cismática é achada no ritmado “No interior do passado”. Já a sensação de estarmos diante de pequena odisseia do eu é gestada ao longo da leitura de “No interior do passado”, peça lírica de ótimo fôlego e de crescente intensidade, principalmente pela alusão a desejos abafados e, talvez, outrora incompreendidos.

Nessa odisseia em direção ao íntimo, inviável não reparar numa descida ao inferno, recompensada, logo em seguida, por certa “visão do paraíso”. Sensação semelhante de tensão crescente, agora mais sustentada pela sonoridade, é o poema “Vale a ponte sobre o vale”, típica composição de virtuose. Análogo a epopeias íntimas, que retratam travessias existenciais, destaca-se o poema “No Final a flor do Cacto”.

Em textos de tal maneira densos e tensos, não suscita nenhum espanto que Roselis garimpasse imagens vigorosas e inventivas, consoante as comparações que seguem: “Como se fossem um sólido rochedo abrindo poros” (“Pessimismo ou Realismo”), “Serenos como a paciência do gato” (“O Mucamo Branco”), “Como a nata de meus sonhos” (“Escrever”), entre tantos outros possíveis.

Na senda de uma energia expressionista da linguagem, vale muito a pena considerar os poemas que vão se armando e se encaminhando para finais surpreendentes e inesperados, sobretudo em decorrência de pesquisa de linguagem por meio da qual eles alcançam traduzir conceitos complexos e refinados. É o caso, entre outros, de “Volta das Falas”: “Entretanto vou tricotando uma gaiola aberta Repleta de beija-flores” ou de “A árvore sem dona”: “Que se transformou nas entranhas mais aquáticas/Dos pássaros e da natureza o pão! “

Boa dose de atenção deve se endereçar a poemas que retratam vivos quadros alegóricos em que o primeiro nível da linguagem se constitui de aspectos lúdicos, engraçados, esdrúxulos, resultando em convites a interpretação dúbia. Tal é o caso de “O Mucamo Branco”.

Nesses poemas alegóricos, quanto ao mais, mesclam-se de jeito bem equilibrado um tom de crítica social e um de fina ironia, fundada em alusões ora eruditas, ora populares. Da

mesma forma, o desenvolvimento alegórico possibilita a divulgação de reflexões identitárias, consoante verificado em “Volta das Faltas”.

Aproveitando a alusão a elementos sociais presentes em **Convite ao Devaneio**, é de reparar o florescimento de uma nota aqui e ali de preocupação dessa natureza, mas, sempre, distante do panfletário rústico, equilibrando o estético e o ético. Ilustração disso pode ser observada em “Pessimismo ou Realismo”. Procedimento semelhante vem à tona em “Cravo Solitário”, apenas que, neste caso, a ameaça eventual do panfletário é varrida do mapa pela organização do poema em tom fabular. Já em “Banco de Metal e O Miserável”, a militância simplista e simplória também não tem lugar, mas, antes, o tratamento artístico consciente e sofisticado das filigranas das relações de poder entre os homens e os estragos acarretados por isso.

Ao lado de outros poemas de teor mais cerebrinos, em que a arquitetura engenhosa do sentido reverbera no nascer e no crescer das estruturas, como no poema “Fomas”, há que fazer menção mais detida ao poema “Escrever”, classificado como espécie de manifesto, uma arte poética no sentido que lhe davam os clássicos. Na composição, o eu poético confessa a crença nas possibilidades do verbo. A escrita é abordada tal qual atividade universal, liberta das normas rígidas e dos ritos excessivamente limitadores. Considerando isso, o poema deixa de pagar tributo ao clássico, tingindo-se de cores românticas, até mesmo pelo convite à liberdade de expressão, pela divulgação de concepção de literatura não elitista, advinda dos lugares mais insuspeitos, como a cozinha, na qual se lavam as louças em situação absolutamente cotidiana e rotineira.

Por fim, mas não menos importante, urge referir os poemas lúdicos do livro, que projetam luz sobre o cotidiano, os costumes e os comportamentos, mas que, nem por tal motivo, deixam de mergulhar fundo na alma compósita dessa realidade, desvelando facetas propícias para melhor compreender a natureza humana, se é que isso existe de maneira uniforme e fixa. Nessa linha de conduta, o poema “Computador” apresenta-se como exemplar e instigante. Demais disso, ele constitui uma das composições em que se observa com mais transparência como a autora domina com maestria e conscientemente os recursos expressivos da língua. O mesmo se diga, por oportuno, de “Vale a ponte sobre o vale”.

Convite ao Devaneio, de Roselis Batistar, afigura-se para os leitores como feliz obra de escolhas plurais, de incontáveis possibilidades temáticas, de insuspeitos caminhos estilísticos. Semelhante riqueza no conteúdo e na forma - resta salientar - deixa-se descobrir na leitura atenta, corajosa e generosa do livro, ao término da qual se descobre, com prazer, que a aventura do humano e a aventura do verbo que a expressa são inseparáveis.

2.3 Prefácio de *Cratera Antes da Queda* (2021)

O mais recente livro de poemas de Roselis Batistar compartilha com os demais já dados a lume pela poeta uma série de recursos expressivos muito bem planejados e realizados e que podem ser lembrados a seguir em desprezioso movimento de síntese e de sistematização.

É possível mencionar, com efeito, a feição metalinguística dos poemas; a preferência cada vez mais acentuada pelo emprego da expressão vaga e sugestiva em detrimento de uma dicção literária figurativa; a presença em uma única composição de um registro linguístico coloquial acompanhado de um estilo mais solene e cerimonioso; o tom largamente meditativo; a inquietude existencial, a ironia fina; a sondagem interior como complemento da sondagem da realidade exterior; a intrincada tradução da existência por meio de alegorias; a construção de deleitosas imagens; o tom unívoco convivendo com expressões enigmáticas; a presença de composições cifradas de efeito lúdico; o jogo astuto com as sonoridades, a percepção de um mundo às avessas e injusto.

Em adição ao rol acima, incluiria com destaque a habilidade da autora em fazer a composição poética progredir textualmente, numa crescente sensação de expectativa, cuja culminância estética coincide com a apresentação de versos finais que lembram as chamadas chaves de ouros, versos que alcançam veicular mensagens poéticas ao mesmo tempo densas e sintéticas, numa dicção lapidar. É o que se verifica, aproximadamente, nos três derradeiros versos da composição que segue:

Poema ao pai falecido

Sentir a falta, o oco, o vácuo
A ausência do passo que ritmava teus dias
É sentir a fria noite num caloroso dia
É sorver o abandono da magia
Que dava cor ao prato
À iguaria
Ao olfato
que dava melodia ao silêncio.
E no intenso desejar da vida lépida
E no imenso “saudoscar” da lida épica
Surge o tédio da ilusão heróica
Sem que no espelho de um hipotético piano
Prelúdios preencham o abandono
Do sentir mofado
De um amor de anos!

Aplicando livremente – daqui em diante - o conhecido binômio cosmos e caos à leitura do conjunto de poemas de Roselis Batistar, reparo neles a fixação e o desenvolvimento de uma tensão oriunda da vivência de uma realidade ordenada e de outra desordenada.

Há, com efeito, o retrato literário e pessoal de um mundo ordenado, que, aos poucos e a despeito de sua resistência, vem cedendo extenso terreno para um cenário imprevisível, injusto, insensível e alienado, no qual já não se reconhecem as linhas mestras da convivência humana pautada na solidariedade, no amor e no respeito.

Aí, no contexto de um ambiente caótico e colapsado, as relações sociais desvelam-se alicerçadas na ríspida potência do dinheiro e nos contatos espúrios, o que coloca de cabeça para baixo determinados valores, desenhando um mundo às avessas, em que o justo parece rápido e em que o injusto engorda mais rápido ainda.

A própria experiência da escrita poética propaga-se como indispensável ferramenta a fim de assegurar, tanto quanto possível, a vigência do cosmos. Isso porque a lírica engajada de Roselis empenha-se em revelar, por meio da ação de filtros subjetivos, o que o mundo está deixando escapar pelas mãos, ao mesmo tempo em que ela exorta a todos a lutar pelo restabelecimento da ordenação e da harmonia.

A esse respeito, vale lembrar que, miticamente, a palavra tem se constituído numa das maneiras mais frequentes de dar ordem e sentido ao caos.

Se não escrevo...
Perderei o contentamento se não escrevo
Estarei ao relento
Desamparada das vozes que veneram meus versos,
Desacreditada de mim.
Perderei até a sombra de teu gesto
Que de minhas rimas se veste
Que de meu sopro se anima
E me completa o soneto!

Os poemas de Roselis Batistar permitem entrever, no mínimo e conforme sugerido atrás, a existência de duas esferas contíguas que, embora acentuadamente diferentes, se relacionam – porosas - sempre sob o risco maior de se nivelarem pelo estágio mais pedestre.

Mediante tal ameaça, a atitude mais frequente e habitual da persona poética consiste em apresentar-se aguerrida e íntegra, o que não exclui, todavia, um ou outro instante de fundo abatimento, de tentativa de purificação pela dor, de meditação sentida e de avaliação pessimista das coisas, quando não o deixar-se conduzir por uma postura deliberadamente evasiva ou mesmo indicativa de algum laivo de estoicismo.

Os sábios chineses

Os sábios chineses me disseram para ficar quieta
Indicaram-me a paciência e a reserva,
A docilidade feminina de ser passiva;
Escreveram-me que já nada havia a ser feito
Que a sorte estava lançada
E que já não sabiam de mais nada;
E eis-me aqui na obediência
Na sacrossanta paciência
De ser a passiva inquieta amante
De um platônico amor egípcio!

Em inúmeras oportunidades, é a evasão por meio da memória que possibilita ao eu lírico compensar os desarranjos do caos atual. Trata-se, então, de recorrer a uma idade de ouro pessoal, a um Eldorado particular, a uma Pasárgada toda sua, em que a harmonia impera na plenitude afetiva da família, de alguns poucos amigos, na percepção de que para cada ação perpetrada havia uma justificativa plausível e um objetivo legitimador, tudo desaguando numa dimensão coletiva e ética.

É nessa dimensão memorialística e contemplativa que o eu lírico se experimenta mais confortável, pois aí as relações humanas se figuram mais simétricas e inteiriças.

Amada pueril

Foste amada qual uma renda
Frágil heroína da lenda
Que o seu piano arrastava.
Tão pequena já tocavas
Ao teu pai encantador.
Foste amada qual uma fada
Desnorteadada pelos mimos
Pelos ritmos barrocos
Que embalavam os teus pais.
Foste protegida das pragas
Dos ocos mugidos políticos
Elevada às nuvens sem gritos
Adorada sem saber o que era mito
Ou utopia bendita
Ou a magia infinita
Que é o escudo do amor.
Foste amada sem saber!

Nessa revisão artística do passado, a figura paterna equivale ao símbolo mais robusto da ordem contra o caos, reverberando significativamente em muitas composições ao longo do livro. É bem por isso que a falta do pai significa a presença de vazios, a ausência de harmonias (“ritmos”), enfim, o caos:

Poema ao pai falecido

Sentir a falta, o oco, o vácuo
A ausência do passo que ritmava teus dias
É sentir a fria noite num caloroso dia
É sorver o abandono da magia
Que dava cor ao prato
À iguaria
Ao olfato
que dava melodia ao silêncio.
E no intenso desejar da vida lépida
E no imenso “saudosear” da lida épica
Surge o tédio da ilusão heróica
Sem que no espelho de um hipotético piano
Prelúdios preencham o abandono
Do sentir mofado
De um amor de anos!

O mundo ordenado é o mundo do pai, sustentáculo não por acaso da célula familiar, descansando e crescendo agora no passado. Nesse sentido, a família deixa-se interpretar tal qual um microcosmo fechado em si mesmo, harmonioso, em que os integrantes são como peças de um quebra-cabeça estruturado à semelhança de um sistema em que um elemento apenas adquire sentido e função à luz do outro. O poema que segue é exemplar do que venho falando:

Éramos Quatro

O retrato dos quatro está aqui
Nós e a tua voz meu pai
Voltaram aos anos sessenta
Sem tormenta terminaste a faculdade.
No retrato dos quatro estamos belos
Era singelo o momento em que recebias
O diploma e a alegria do cumprimento
De tua filosofia e da sapiência monumento.
Leio o enleio de minha mãe tão deslumbrante
No apoio, no olhar que diz da lida
Que foi aquele vão de nossa vida:
Meu irmão impressionado
Com um progenitor tão destacado
Enquanto eu olhando simplesmente
Para a frente do anfiteatro
Espelhava meu futuro no meu pai amado
Meio sorria sem saber que no retrato
Muito em breve apareceria um muro
Para lembrar-me que já não somos quatro!

Ao mesmo tempo em que celebra sua família bem como a ordem que ela oferece e estimula ao mundo, o eu lírico lamenta o fato segundo o qual, agora, a família e seu significado pessoal tão somente ocupam os limites simbólicos de um retrato.

Decorre de semelhante condição a realidade estar se tingindo de tintas caóticas, nocivas e aleatórias. Sem o alicerce norteador de figuras luminares (o pai, a mãe, o irmão, que passam

a significar o bom pai, a boa mãe e o bom irmão, num processo de generalização), o eu lírico sente o salobro gosto de ser – em certa escala - um exilado onde quer que tente fixar as raízes.

É justamente munido dessas lentes cinzas, então, que o eu lírico enxerga o mundo que lhe está às voltas, expressando-o esteticamente numa forma de respeitoso e preocupado luto. Uma realidade na qual já não há família, em que os sentidos se ostentam cada vez mais esboroados, em que não se localizam espaços para todos, em que as finalidades e as justificativas são nebulosas, quando não completamente invisíveis.

Universo do caos, desestruturado, desarranjado, corrupto, violento, injusto, que apenas pode ser combatido recorrendo-se ao passado e à memória da figura icônica de um pai, símbolo de um estado de coisas que se quer ordenado e mais harmônico do que tudo que agora se conhece:

Poema ao jornalista Oduvaldo Batista

Estás vivo nesse aniversário
De anunciadas medidas
Contra os velórios dos pobres...
Tu, meu pai, que vens de fora
E que te introduzes no paraíso fiscal
Sem outro vintém que essa força
que de teus escritos sobrevém...
(Levei teu nome a Genebra
Num paradoxo de outros bens).
Força a forcejar por outras terras,
Maiúscula como caixa-forte sem cerra
Resistente como só humano pode ser...
Com ela inundaste jornais
Cometestes acusações
Contra os injustos barões
Contra os ventres fartos de sangue...

Se bem que exemplarmente rico e variado no tecido conceitual e na malha estilística, a tensão dialógica existente entre cosmos e caos comparece como um dos achados poéticos mais vigorosos e seminais do livro ora em resenha, respondendo por considerável parcela de sua beleza e originalidade.

É com base nesse procedimento composicional que a autora arma e aciona sua máquina de produzir sentidos, solicitando pacificamente a participação racional e afetiva do leitor, que deverá se posicionar, em alguma escala, nesse dilema existencial que tem espicaçado a humanidade especialmente de uns tempos a esta parte.

Quanto à autora, ela combate o bom combate da ordem, ainda que a sereia do caos não cesse um minuto de cantar aos navegantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, julgamos adequado reproduzir abaixo nosso texto da Orelha do livro de poemas *Lirismo sem Pétalas/Lirismo sin Pétalas* (2021), que alcança projetar um panorama geral da poesia de Roselis Maria Batista Ralle.

Há anos Roselis Batistar segue elaborando um projeto estético que interage densamente com suas atividades de professora universitária, pesquisadora de Ciências da Linguagem e militante das causas humanitárias, sociais, ecológicas e políticas brasileiras e internacionais. Não se trata, conforme se nota, de uma poeta bissexta, que somente dá a lume seus escritos entre extensos intervalos de tempo de inação. Roselis, contrariamente, é poeta durante 24 horas por dia e 7 dias na semana.

O aparecimento de *Lirismo sem Pétalas* revela-se como mais um bloco de um edifício artístico que já gerou quase uma dezena de livros, todos compondo uma bela e relevante unidade na variedade.

Num balanço panorâmico e conciso, prossegue neste novo livro o tom meditativo grave e, por vezes, confessional registrado em obras anteriores. A imagética afigura-se, como de hábito, desconcertante, rompendo expectativas engessadas de leitura e convidando o leitor ao caminho nem sempre cômodo da estesia. Espaço há da mesma forma - embora menor - para um registro lírico-amoroso, especialmente provocativo em sua elegante e contida sensualidade. Inspiradas composições têm como mira a celebração filial - ou referindo com mais propriedade - a veneração filial. Dedicar-se lugar também para o registro de um mundo às avessas.

Especulações pertinentes sobre a condição feminina igualmente assomam em numerosas passagens do livro, plasmando composições inteligentes e empenhadas numa reavaliação bem dosada da chaga do patriarcalismo ocidental. Um número nada desprezível de poemas mostra-se engenhosamente alusivo e filosófico, exigindo do leitor conhecimento enciclopédico mais apurado do que a média.

No cômputo geral, a palavra da poeta emana dúctil, ritmada e variada, com vocábulos quase sempre munidos de vestimentas comuns a que Roselis, todavia, alcança dotar de impressionante plasticidade, musicalidade e efeitos sugestivos. Nessa linha de considerações, não pode faltar menção aos poemas metalinguísticos ou autorreferenciais de *Lirismo sem Pétalas*, no mais das vezes, associados a um quadro alegórico sugestivo e enigmático.

No campo estrutural dos textos, cumpre fixar a atenção naquele ritmo singular obtido por meio de um uso eficiente da combinação entre o paralelismo e a anáfora. Retornando ao princípio, vale afirmar que o admirável projeto estético de Roselis Batistar consiste em retratar,

refratar, esclarecer, criar, mediante o fenômeno artístico e as lentes de aumento da poesia, uma realidade complexa, que é, ao mesmo tempo, lisa e cheia de arestas, luminosa e sombria, nobre e vulgar, animadora e aterradora, familiar e estrangeira. Eis, pois, mais um livro de Roselis Batistar cuja leitura faz-se urgente e imprescindível para todos!

REFERÊNCIAS

BATISTAR, Roselis. *Cristais de orvalho/Cristales de rocío*. São José do Rio Preto: HN, 2010.

BATISTAR, Roselis. **Rubra/Carmesí**. México: Cenzontle, 2013.

BATISTAR, Roselis. **Mis estaciones/Minhas Estações**. México: Cenzontle, 2017.

BATISTAR, Roselis. **Convite al devaneio/Invitación al ensueño**. Cabo Frio: Helvetia, 2019.

BATISTAR, Roselis. **Cratera antes da queda/ Cráter antes de la caída**. São José do Rio Preto: Ponto Z, 2021.

BATISTAR, Roselis. **Lirismo sem pétalas/Lirismo sin pétalos**. São José do Rio Preto: Ponto Z, 2021.